



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talla — Lisboa • Telefone: 17

Officinas de impressão: Rua da Alameda, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As acusações de "O Combate"

Parlamentarismo e Democracia são princípios que o Sindicalismo não aceita. As razões desta não aceitação bastam vezes aqui as temos expostas, e não será necessário repeti-las hoje. Mas subentende-se facilmente que devem combater essas razões aqueles que tentarem combater-nos a doutrina. Ora é precisamente isto que não sucede com "O Combate", posto que este colega, aventurando-se num simulacro de contro-versia a afirmações nestas colunas consignadas, mostra claramente não nos entender, o que é lamentável, ou não quer entender-nos, o que é grave. Isto de momentos de mau humor tem-nos todos, e sabido é que em momentos assim, por mais que se queira, perde a voz da razão todas as suas faculdades persuasivas. Por certo "O Combate" estava num desses momentos de incontrolável humor quando começou a imbecilar comosco, e facilmente se compreende a coisa lembrando-se a gente do que foi e é o Parlamentarismo um dos princípios por nós atacados. Ora o Parlamentarismo é para os socialistas em geral e para "O Combate" em particular a mesma coisa que o calcanhar para Aquiles: o ponto vulnerável. De facto, várias vezes temos visto passar, por sobre os socialistas, carros e carrinhos, e a cada se movem os preclaros companheiros. A República, em algumas conjunturas, por uma simples questão de estupidez os tem perseguido ou feito incidir neles arbitrariedades destas que são o grato do dia do novo regime. Os socialistas e no dia seguinte gritam «Viva a República», à semelhança dos tresnoitados que bradam «Oh da guarda!», quando a polícia os espanca. Homens de boa boca, gente pacata, possegada, muito mais inclinada a frescas nos retiros suburbanos que a acção revolucionária e transformadora. Mas toda esta pacatez desaparece quando lhes batez no Parlamentarismo, porque o mau humor invade-os logo. Ora a Batalha buliu no Parlamentarismo, como desconjuntada e imprestável caranguejola que isso é. E tanto bastou para que logo acesamente saltasse "O Combate" à estacada num, como já lhe chamámos, simulacro de contro-versia. Simulacro, porque o órgão socialista responde misturando alhos com bugalhos, mostrando ter lido o que nós não escrevemos nem quizesmos escrever, e assim complica a questão, tornando mais extensa uma resposta nossa que doutro modo seria curta, se não fora o prévio trabalho de acaração ou desembrulhamento que a misturada dele nos impõe.

Que a embrulhada realmente existe prova-o a lista de mal humoradas: censuras que "O Combate" nos endereça nos dois artigos, ontem e anteontem publicados a respeito da orientação por nós seguida. E já de que nos acusa, vistas as contas, o colega socialista? Tão pequenas não são as nossas culpas que caiba a simples enumeração delas nos limites estreitos de um artigo. Assim, por exemplo, seguindo a ordem natural, acusa-nos "O Combate" de:

a) Ter-se a Batalha dirigido aos conservadores em termos «afectuosos e cativantes»;

b) «Contrastar singularmente» esse tratamento com a forma «agressiva» que usualmente adoptamos para os republicanos, parlamentares e democratas de todos os matizes;

c) Darmos nós a parecer que estamos convencidos de que «as classes trabalhadoras viviam num mar de rosas no tempo do absolutismo, da inquisição e do feudalismo e só começaram a ser espoliadas e oprimidas depois do triunfo dos regimes democráticos resultantes da grande revolução francesa»;

d) Tomarmos parte «no coro unânime do ataque à democracia e soberania popular juntamente com capitalistas, monárquicos, integralistas e clericais»;

e) Cairmos na contradição re-

sultante do facto de combatermos o Estado, a República e o Parlamentarismo enquanto defendemos o regime russo dos soviets, que assenta num estado fortemente centralizado, republicano e parlamentarista;

f) Incurrirmos em faltas de lógica que não chegam a ser batatas;

g) Haver semelhança entre as nossas opiniões e as dos reaccionistas Maurras e Leon Daudet;

h) Ser Sorel «director ou redactor de um jornal ultramontano ou clerical-farol»;

i) Infringir os princípios estruturais do sindicalismo;

j) Não termos ainda feito «nenhuma campanha doutrinária contra as instituições monárquicas, aristocráticas, a superstição religiosa ou ao jesuitismo»;

k) Termos sofrido o maior vexame que pode atingir um jornal operário que vem a ser o aplauso à orientação da Batalha dado pelo órgão integralista.

l) Havermos nos revelado individualistas, tal qual os burgueses, o que prova sermos anti-socialistas.

E' escusado citar mais acusações das que "O Combate" intercala nos seus artigos entre algumas opiniões peregrinas, como a de que o operariado combater a democracia é o mesmo que renegar a sua mãe, ou a de «estar o sindicalismo a desaparecer da face da terra, com a sua apologia da violência e das minorias conscientes, com as suas groves continuas, a sua fobia contra a democracia e intelectuais, o seu negativismo social e indiferença pelo mutualismo e cooperativismo». E' escusado citar mais. O que aficaz da já mostra suficiente para avaliar-se do género de acusações feitas pelo órgão socialista. Guardado o devido respeito pelos redactores desta, cuja modestia não queremos de maneira nenhuma ferir, sempre diremos que há naquilo extenso quão pueril libelo um pouquinho de má fé mechiado de fogo brando com uma dose avultada de disparate. Resposta? Dispensá-la liam bem os leitores deste jornal que, conhecidas as que sejam as acusações feitas pelo "Combate" à Batalha se encarregaram de fazer o conceito merecido do acusador. A transcrição das acusações é já para nós defesa suficiente. Mas como quer que as noites andem longas ainda o seja grato o cumprimento de certas obras de misericórdia, ao assunto voltaremos, que isto já hoje vai longo. Gastar cera, sim, mas devagar...

II Congresso Operário Nacional

A comissão organizadora, atendendo a que, depois de tornada pública a ordem dos trabalhos, foram recebidas novas teses, resolveu elaborar uma outra ordem, na qual essas teses serão incluídas.

Chama-se para o facto a atenção dos respectivos delegados.

A nova Ordem de Trabalhos é a seguinte:

Dia 13 — 1.ª sessão, às 11 horas: abertura do Congresso, revisão de mandatos, apreciação dos relatórios das comissões administrativas das 1.ª e 2.ª secções da U. O. N. e do Conselho Jurídico, nomeação de comissões de pareceres.

2.ª sessão, às 20 horas: discussão do projecto de estatutos da futura Confederação.

Dia 14 — 3.ª sessão, às 10 horas: discussão das teses: Relações Internacionais, O Esperanto nas relações internacionais, e Organização operária nas colónias.

4.ª sessão, às 20 horas: discussão da tese: Sindicatos Mistos, de Indústria e Únicos.

Dia 15 — 5.ª sessão, às 10 horas: discussão da tese, Reformas imediatas, etc.

6.ª sessão, às 20 horas: discussão dos pareceres relativos a vários trabalhos de diferentes sindicatos; nomeação do Comité Confederal; encerramento do Congresso.

A comissão previne os sindicatos da província de que toda a correspondên-

O escândalo dos Abastecimentos

No ministério dos abastecimentos, que vive da fome pública, contribuindo consideravelmente para agravar, cometem-se verdadeiros roubos — Os «pais da pátria» discutem o escândalo

Os indivíduos que tem por costume reunir todas as tardes no velho casarão de S. Bento, tem-se preocupado, nestes últimos dias, dos escândalos do ministério dos abastecimentos, sendo unanimemente em que eles «excedem tudo quanto a antiga musa canta...». O ministério dos abastecimentos tem enormes responsabilidades na carestia da vida, declarou o sr. António Mantas, e essa afirmação não foi contestada pelos governantes, antes teve o seu tacto aplauso.

Segundo o inquérito que fez esse parlamentar, «por desleixo do ministério dos abastecimentos foram lançadas ao mar cerca de 10-100 toneladas de batata póde, e aproximadamente, a mesma quantidade de feijão inglês. Tendo o governo de Moçambique oferecido farinha, o ministério não aceitou e foi comprado, por um intermediário, no Transvaal, por mais 50 por cento. Esta farinha estava ardida. Nenhuma se aproveitou para o consumo e ainda pagámos 100.000 libras a quem a lançou ao mar! Compramos, na Inglaterra, determinada quantidade de farinha, e que foi dada ao preço de 252 o quilo. Sobre este preço se fez o de venda para o mercado. Mas depois veio uma factura ao preço de 385, pelo que foi paga. Prejuízo, 450 contos!».

Há tempos compramos em Londres certa quantidade de carne congelada em frigorífico. Chegou ao Tejo e foi, na maior parte, descarregada por fragatas a uma temperatura de 25 graus. Apodrecem... O arroz que há pouco tempo ali vendido e era impróprio para o consumo, causando diarreias, foi fornecido e posto ao consumo pelo ministério dos abastecimentos.

Este ministério fez ainda uma compra de 20.000 toneladas de carvão, obrigando-se a fornecer cinco vagões por dia para o seu transporte. Não forneceu. Só recebeu cinco toneladas. O resto desfez-se e foi roubado por essas estações. Nessa mesma ocasião fez-se uma compra de trigo, que apodrecem e foi roubado nas estações. Nem uma saca entrou em Lisboa!

Um intermediário que foi enviado ao Alentejo para adquirir trigo, gastou 15 contos na batata e não comprou nem um grão!

A enumeração de todos estes escândalos é verdadeiramente pavorosa! Os indivíduos que se abrigam no ministério dos abastecimentos não tem escrúpulos de espécie alguma; só pensam em ganhar muito dinheiro de qualquer forma, lançando para isso mão de trucs mais grosseiros, que já há muito teriam sido postos a descoberto se, porventura, os ministros que tem sob o seu comando essa pasta pensassem em pôr cobro a essa enorme série de autênticos roubos, embrenhando-se mesmo nas intrigas politiquinhas. Não tem procedido assim. Tudo se tem consentido. Tem esse ministério inúmeros fiscais de subsistências que nada fazem, absolutamente nada, cuidando apenas de receber o pingue ordenado no fim de cada mês. Os aventureiros tem ali vasto e propício campo para as suas manobras, sem que apareça qualquer entidade oficial que lhes embace os maneios de que o povo trabalhador sente os terríveis resultados.

Foi preciso que os escândalos se sucedessem, que a opinião condenasse

cia relativa ao Congresso deve ser enviada para a União dos Sindicatos de Coimbra, onde lhe será dado despacho pelo secretário desta comissão.

Novamente se notificou aos sindicatos aderentes que satisfizeram o pagamento das cotas e que ainda não receberam recibos, que estes serão entregues em Coimbra.

NA ALEMANHA

Houve revolta em Ludwigshafen?

Os franceses desmentem-no

MAYENCE, 1. — As autoridades francesas de ocupação fazem saber que não se deu revolta alguma em Ludwigshafen contra o poder existente. O inquérito demonstrou que o incidente foi devido unicamente à excessiva nervosidade da polícia. Foram mortos dois funcionários. Está restabelecida a tranquilidade na cidade e em todo o palatinado. — H.

A paz versalheza

A Liga das Nações será um germen de guerras

WASHINGTON, 1. — O senador sr. Alberto Bacon, declarou aos membros da comissão senatorial que considera que a Liga das Nações será contraproducente e constituirá um germen de guerras internacionais, pelo que entendeu preferível a «Aliança Franco-Americana». — H.

O novo governo sul-africano

PRETORIA, 1. — O general Smuts formou o novo governo sul-africano. — H.

NA LINHA DE FOGO

INTELECTUAIS E MANUAIS

Um preconceito burguês que deve desaparecer no futuro

Formou-se há pouco, segundo li, uma Federação de intelectuais, promovida, creio eu, por alguns indivíduos que se dizem avançados.

A designação de intelectual, além de orgulhosa e peluante, é a mais completa negação do espírito igualitário, inimigo de hierarquias e privilégios, que deve possuir todo aquele que comunga um ideal socialista. E' um absurdo e um erro crasso, contra todos os dados fisiológicos e lesivos dos mais legítimos direitos, crer que o exercício duma profissão intelectual é coisa fundamentalmente diversa do exercício duma qualquer outra, e confere, a quem quer que seja, uma superioridade moral.

Tal preconceito é originário do regime de servidão que vem de longe, do totemismo, dos nigromantes, pitonisas, feiticeiras e sacerdotes, todo um mundo de charlatães, que se criam eles e superiores aos outros homens por terem no livro dos destinos e se dizem mediadores entre os deuses e as criaturas. Por estas e outras crendices, a que se juntou, depois o egoísmo especulador, é que o trabalho físico passou a ser uma ocupação «degradante» a que se obrigavam, por vileza de condição ou castigo, os servos da gleba, os escravos e os réprobos, numa palavra a infima gens. Mais tarde o preconceito, lisonjeando a vaidade dos diplomatas, — fez d'elles castas parasitárias e predominantes na hierarquia social, e uma espécie de fetichismo envolveu-os ainda numa auréola prestigiosa, tradições bafiantes da medievalidade escolástica.

Ora tudo isto está condenado a desaparecer. Não há intelectuais nem mestres, mas trabalhadores, produtores, com funções especializadas, é certo, nenhuma das quais, porém, exclua as outras nem se basta a si própria. Evidentemente há profissões que requerem maior dispêndio cerebral, mas é tudo uma questão de grau, já mais de natureza. Um engenheiro, um médico, um professor levam a especializar-se mais tempo do que um operário artesão, e dentro das próprias profissões industriais varia a duração da aprendizagem. Mas que superioridade confere o mister do ensino, do cálculo ou da cirurgia sobre o do fabricante de utilidades? Porque hei de eu ter maior consideração e respeito pelo médico que me cura uma angina, o professor que me lecciona álgebra, do que pelo manipulador de calçado que me calça, o alfaiate que me confecciona o vestuário, ou o pedreiro que edifica a casa onde me abrigo?

Preconceitos, nada mais. Não há intelectuais nem manuais ou mestres, há profissionais. As profissões equivalem-se. O que faz prevalecer o médico e o arquitecto sobre o tipógrafo ou o metalúrgico não são supremacias de técnica; é o cabedal ideológico, é a teorização que o médico e o arquitecto possuem: as línguas, a geografia, a história, a literatura, o cálculo, as sciências naturais, a filosofia, a instrução geral, em suma, que nada tem com a técnica do métier. As chamadas profissões liberais valorizam-se este pedestal de erudição. Dessem a todos os homens a mesma base de conhecimentos abstractos e o desnivelamento acabaria.

Nenhuma distinção social haverá pois na sociedade futura entre o indivíduo que, depois de receber a sua instrução geral, escolhe um mister destinado a produzir utilidades (hoje profissão operária) e outro indivíduo que, por gosto, inclinação ou tendência, se dedica a uma profissão mais complexa (hoje profissão intelectual).

Objectar-se há que, se todas as profissões são socialmente equivalentes e igualmente retribuídas, serão sempre preferidas as mais simples. Não tememos isso. Quanto mais instruído se é, maior atracção nos oferecem os trabalhos do espírito. Talvez haja menos médicos, arquitectos e engenheiros, mas com certeza os há melhores, porque já não é a maior retribuição e a dignidade social que convidam a essas profissões, mas o estímulo da vocação, o amor do estudo e da diversão intelectual.

Mas os artistas? ouço já dizer. Ser artista não constitui profissão. O artista é um criador de beleza. A arte é uma qualidade moral. O talento, como a honestidade, não se vende — dá-se. A arte, como a virtude, não se paga — honra-se. Os que supõem que o génio artístico é incompatível com uma ocupa-

ção industrial partilham o preconceito absurdo de que o trabalho é um opróbrio. Só os orgulhosos, os enfatuados, os pedantes, consideram o trabalho físico deprimente.

Não, a intelectualidade não constitui profissão. Conceber um poema, uma partitura, um romance dar-lhe ou uma teoria filosófica é um desabrochamento espontâneo da alma, uma florescência do sentimento, como o exercício do bem ou a prática duma virtude. Tarifar as manifestações do génio seria o mesmo que decretar o bem obrigatório ou marcar a honestidade um horário de trabalho. E' se artista, intelectual, talentoso, como se é honesto, moral, equilibrado.

E, pois, absurdo estabelecer categorias que não correspondem a realidades no futuro, como é a dos profissionais intelectuais. Há de haver intelectuais na sociedade nova, sim, mas não são profissionais. O intelectual do futuro é o génio, a ideia pura, a inteligência privilegiada dum Miguel Angelo, dum Rafael, dum Dante, dum Shakespeare, dum Camões, dum Pasteur e dum Edison, os inventores, os sábios, os artistas, secundas cerebrosas maravilhosas, prodígios da natureza criadora, que os homens não de amar, venerar e honrar, mas com dádivas e benesses — com gratificações e pensões — mas com o respeito que se deve ao talento e a adoração que merece, a todo o espírito culto, o que é belo, superior e transcendente.

Manuel RIBEIRO

"Notas & Comentários"

Vão sair em livro a maior parte das publicadas neste jornal

Lembrou-se um grupo de amigos e admiradores deste jornal de recitar, num volume de quasi uma centena de páginas, algumas das «Notas & Comentários» publicadas na Batalha no primeiro semestre da sua existência.

Comunicam-nos à última hora esta resolução dos editores, acrescentando terem já quasi impressa a separata, aliás obra de um operário dos mais cultos que neste jornal colaboram.

Agradável surpresa a daqueles bons amigos. E' agradável a achamos, porque ela representa uma demonstração de simpatia e de admiração bastante justa pelo nosso camarada autor das «notas» que vão publicar-se.

O livro está quasi feito, devendo estar já à venda a quando da abertura do próximo congresso de Coimbra, dizem-nos, e o seu valor gráfico corresponde ao valor do texto. A edição, não sendo luxuosa, para se tornar acessível às posses de todos os trabalhadores, é, contudo, apuradora e executada a capricho por um dos admiradores do nosso colaborador.

Congresso Nacional da Indústria da Construção Civil

A comissão organizadora mais uma vez lembra aos delegados que, com antecedência, se devem preparar para partir para Coimbra, a tempo de assistir ao Congresso.

Segundo consta a mesma comissão, os bilhetes tem de se comprar de véspera.

Depois da guerra

Barcos torpedeados postos a salvo

LONDRES, 1. — O «Daily Mail» anuncia que foram postos a flutuar 440 dos barcos afundados durante a guerra recuperando-se, assim, um milhão de milhões de francos. As operações continuam intensamente para se conseguirem mais salvados. — H.

A queda do comunismo na Hungria

As causas internas da queda, segundo o autor — As fraquezas do governo de Bela Kun, na política interna e externa — Um inimigo dentro da praça — Uma retirada desmoralizadora

II

O ensinamento que se pode e deve tirar da revolução social na Hungria é da mais alta importância para o desenvolvimento da revolução mundial. A política do governo de Bela Kun foi caracterizada pela sua fraqueza, tanto no interior como no exterior. Os seus inimigos censuraram-lhe o emprego do terror. Sob o ponto de vista comunista, poderiam pelo contrário consignar que ele não se serviu suficientemente desta arma eminentemente revolucionária. A unificação do proletariado húngaro, realizada em 21 de Março de 1919 na prisão de Budapeste, entre os chefes comunistas, naquela ocasião encarcerados, e os chefes socialdemocráticos, não deu os resultados esperados.

Nesse dia, anunciaram os socialdemocratas que acceitavam o programa comunista e a acção bolchevista sem reserva alguma. Os socialdemocratas são evolucionistas pacíficos: como podiam, pois, adorar a 21 de Março o que até então tinham atacado?

Deveremos igualmente ver um sinal de fraqueza inicial no facto de se «er produzido sem efusão de sangue o advento do comunismo na Hungria? Uma vitória demasiadamente fácil não é talvez avaliada pelo seu justo valor. Na verdade, o proletariado húngaro parece não ter apreciado com exactidão o papel heróico que estava representando. Em todo caso, mostrou muito menos espírito de sacrifício e de abnegação do que o proletariado russo.

O bloqueio que o imperialismo da Entente impôs à República húngara dos Sovietes, fechou-lhe todas as vias de importação. Faltando-lhe matérias primas, a sabotagem impediu a produção. Por outro lado, o camponês húngaro não estava disposto a entregar produtos agrícolas sem contrapartidas manufacteradas, pois o dinheiro, em consequência da depreciação que tinha sofrido, já nada podia comprar, negando-se os aldeões da Hungria a admiti-lo como meio de troca.

Além disso, nas fábricas a produção, em vez de aumentar, diminuía constantemente. Esta sabotagem da produção era um suicídio inconsciente do proletariado (!).

Se passamos às causas políticas, vemos o perigo que, para a jovem República social, constituía este grande exercício de inimigos: a burguesia desaposada, o clero pôsto na rua, os oficiais demitidos, os senhores terrenos expulsos, os funcionários despedidos e os Aliados enraivecidos. Mais ainda: tinham-se visto obrigados a abandonar a sua vida parasitária, para se fazer produtores, 800.000 funcionários, advogados, pequenos comerciantes. A esta camada de descontentes juntavam-se os camponeses não expropriados, que se faziam reacçãoários por medo à expropriação.

Tudo isso formava um peso morto que estorvava o desenvolvimento da República recém-nasida.

Edmundo PELUSO

(1) Peluso, ocupando-se neste artigo exclusivamente das causas internas de debilidade, não aponta o factor principal da redução da produção, o qual foi, como na Rússia, a mobilização dos braços mais vigorosos para a guerra de defesa contra o inimigo exterior, assim como a aplicação dos melhores recursos, energias e meios de transporte a esse fim urgente.

ULTIMAS

NOTICIAS

A EXCURSÃO DE WILSON Os prisioneiros alemães

PARIS, 1. —Telegrama de Washington ao «*Matin*» dizendo que os senadores do partido republicano julgam perigosa a viagem de propaganda do presidente Wilson no actual momento nocturno.

por isso o convidaram a acudir a sua excursão e esperar em Washington que o problema operário seja resolvido. — H.

Na Hungria

Deliberação do Conselho Supremo
PARIS, 1. — O Conselho Supremo reuniu para estudar as fronteiras te-

Estalou em Budapeste uma nova revolução comunista?

A reconciliação..

Um significativo artigo, a propósito da repatriação dos prisioneiros alemães, do "Daily Chronicle".

LONDRES, 1.—Um telegrama de Berlim anuncia ter-se recebido um telegrama de Budapest, que não foi ainda confirmado, no qual se afirma que Friedrich, chefe do governo reacionário, apresentou a demissão. Está-se organizando a formação do novo governo.

LONDRES, 1.—O "Daily Chronicle" comenta a resolução de libertar os sionistas alemães, considerando-a como um passo dado no sentido de estabelecer sentimentos de amizade entre os antigos beligerantes, e de reatar relações econômicas normais. Serão

Confirma-se a queda de Friedrich

VIENA, 1. — A *Gazeta de Voss* anuncia que os ministros húngaros se pronunciaram contra a continuação de

Friedrich à cabeça do governo. Perante esta atitude, Friedrich demitiu-se e o ministro do comércio, Heindrich, começou as negociações para constituir governo. Garamy e Lovarzi farão parte no novo governo.

Uma aliança americano-belga?

BRUXELAS, 1. — Assegura-se que o governo belga e americano estão negociando um compromisso para a América.

Na Rússia Vermelha

Mais uma novela fantástica expedita de Helsingfors

HELSINGFORS, 1. O estado maior comunicou que os aviadores que voaram por cima de Cronstadt observaram

que havia ali distúrbios entre o povo, os quais eram seguidos de tiroteio, havendo baixas entre as partes contendoras. — H.

O seu denunciante condenado à morte
PARIS, 5 — (Urgente). —

Ainda a greve

ferroviária

A reintegração dos grevistas

Numa nota de origem oficiosa, enviada à imprensa diz-se que a comissão de negociação da ferrovia Bostu-

Carvalho.

Convida-se, portanto, o nosso leitor a vir confirmar amanhã, as declarações que fez aos membros da comissão, a fim de ficar elucidado pessoal das subsistências e desfazer equívoco.

Atropelado por um automóvel

Na rua do Poco dos Negros, foi atropelado pelo automóvel 228, Manu- Silva Baptista, travessa da Oliveira, 12, loja, ficando com uma perna fraturada e contuso pelo corpo.

Foi transportado ao hospital de S. e onde ficou sendo tratado até a noite.

Acadêmias, Universidades e Escolas

correu acerca do número de ferroviários suspensos. Segundo a Companhia, esse número, ontem, não ia além de 87, tendo sido readmitidos já, em resultado do inquérito a que se está procedendo, 8 dos empregados que estavam afastados do serviço.

O presidente do ministério vai con-

ceder passagens, para as terras das respectivas naturalidades, a alguns ferroviários suspensos que não possuem meios para pagar o transporte.

Cozinha Comunista

Novamente a comissão desta cozinha

apela para a grande massa proletária, o seu valioso concurso, para satisfazer o *deûcit* contraildo pelo motivo da receita não ter dado para a despesa em face do elevado número de camaradas, que recorreram à cozinha e ainda porque continua a fornecer comida aos que se encontram na situação, que foram

Na sede do sindicato recebem-se doativos todos os dias das 8 às 24 horas.

A comissão desta cozinha foi ontem procurada por um empregado da sub-

Consta que vai ser explorada, com minas estrangeiras, a mina de ouro do

zinha, tendo o referido camarada alocado na Ponte da Falsa, na Rua do Esp...

TRIBUNA SINDICALISTA

A direcção patronal da produção

Impõe a propriedade privada do material social

Não estando os trabalhadores economicamente organizados, não se encontram no caso de assumir a gestão das respectivas indústrias. Nestas condições não podem evitar que a classe patronal se aproprie do solo assim como dos produtos do seu trabalho, e recolha lucros sobre a venda destes. Tais produtos são artigos de consumo, casas de habitação e de aluguer, objectos destinados a servir de meio de produção e de troca, como a ferramenta industrial, as matérias primas, a moeda, de forma que apropriando-se desses produtos a classe patronal acaba-se a possuidora de todo o material social, de todos os capitais; e assim pode logo exigir rendas pelo seu aluguer. A falta de organização dos trabalhadores, pois, faz que a classe que rege a produção e a partilha detenha necessariamente os direitos de apropriação seguintes:

1.º — **Direito de se apropriar dos produtos do trabalho da classe operária.** — Os produtos de cada indústria, construções, máquinas, objectos de consumo, proveem do labor colectivo de centenas de operários. São por conseguinte, a propriedade colectiva desses operários; mas os patrões, na sua qualidade de directores da produção, e em troca dos salários, têm o direito de se apropriar de tudo isso. De mais, como os trabalhadores não têm nenhuma organização económica, não podem proceder por si sós à venda desses produtos, quer aos consumidores, quer às outras indústrias. Veem-se, pois, obrigados a consentir na gestão da classe patronal.

Certos juristas sustentam que a posse de direitos deriva de um contrato de trabalho. Na realidade, porém, o patrão não firma com os operários nenhum contrato; exerce simplesmente os direitos inerentes à sua qualidade de director de produção.

2.º — **O direito de recolher lucros em dinheiro sobre a venda dos produtos ou dos serviços da classe operária.** — Os capitalistas da grande indústria, os patrões, rendeiros, negociantes, chamam a si emolumentos pelo seu trabalho de direcção; mas além desses emolumentos possuem a autoridade de poder recolher lucros em dinheiro sobre a venda das mercadorias.

Os lucros de uma empresa, em geral, são proporcionais ao número de operários empregados. Quando os patrões empregam centenas ou milhares de trabalhadores podem perceber por dia milhares de francos. O aumento dos lucros na razão do número de operários explica o facto dos capitalistas que governam a grande indústria poderem, ao cabo de alguns anos, encontrar-se na posse de centenas de milhões. Evidentemente que o seu labor pessoal não poderia valer semelhantes somas.

Os patrões que anualmente a classe patronal chama a si a título de lucro, além dos seus emolumentos, são, por conseguinte, extorquidos aos trabalhadores, visto que os patrões, senhores de determinar os preços, realizam esses lucros vendendo os produtos do labor dos operários ou os seus serviços mais caro do que os pagam.

3.º — **Direito de apressar a colectividade do solo e as casas de moradia.** — Não sendo produto do trabalho do homem, o solo é um bem social, o património dos habitantes de um país. As casas de aluguer que representam centenas de mil francos e que duram cem ou duzentos anos, são o fruto de um trabalho colectivo; não podem, pois, pertencer só a um indivíduo. São uma propriedade social cujo custo é amortizado pelo pagamento dos alugueres.

Enquanto os operários agrícolas, porém, se não organizarem, não podem tomar posse do solo. Enquanto os trabalhadores da construção não criarem uma organização administrativa apropriada, não estarão nos casos de gerir as funções da habitação. Há, pois, que deixar esse material social nas mãos da classe patronal.

Forçando a direcção individualista a assimilar o solo e as casas a propriedades privadas, pode-se comprar e vender o solo, mandar construir casas para alugar, e declarar-se um indivíduo proprietário destes diferentes capitais.

4.º — **Direito de recolher rendas pelo aluguer do solo e das casas.** — Uma vez que a classe patronal acanbarcou o solo e as casas, pode efectuar cobranças pelo seu arrendamento. A renda que os detentores do solo agrícola cobram não lhes é devida, pois não são eles os legítimos proprietários desse solo. Essa renda pertence aos trabalhadores rurais, porque é vendendo a

preços superiores ao fruto do labor destes que os rendeiros obtêm as somas com que pagam aos seus pseudo-proprietários actuais. E assim sucede com os alugueres que actualmente percebem as pessoas que possuem o solo urbano e as casas de habitação; são roubados aos locatários, pois tais pessoas não poderiam ser legítimos proprietários do solo e dos prédios, que são bens sociais.

5.º — **Direito de se apropriar da moeda e exigir juros.** — Tendo a classe patronal o direito de recolher lucros, alugueres e rendas, possui necessariamente o de se apropriar de toda a moeda que não é empregada no pagamento dos salários. A propriedade privada da moeda determina duas consequências: o empréstimo e o dinheiro a juro. Sem o indispensável um capital inicial de dinheiro para pôr em andamento a produção, as sociedades industriais e os patrões encontram-se na necessidade de pedir constantemente à classe patronal a fracção dos seus rendimentos que esta não dispõem. Tal necessidade dá aos que emprestam uma segunda força, que é a de exigir um juro pelo serviço que prestam.

A moeda que serve ao andamento da produção e da distribuição preenche uma função social indispensável; além disso, a despesa dessa moeda é paga pelo público nos preços de compra dos produtos; não devia, portanto, ser assimilada a uma propriedade privada; ela é de facto uma propriedade, um capital social. Enquanto os sindicatos, porém, não assumirem a direcção das indústrias não podem criar uma administração pública encarregada de gerir esse capital e de o pôr à sua disposição. São forçados a deixar a classe patronal apropriar-se do dinheiro e praticar o empréstimo a juro, sejam quais forem as perturbações que destas modalidades económicas derivem.

6.º — **Poder de apressar a colectividade do material de toda a indústria.** — Os patrões, e assim os accionistas e obrigacionistas das sociedades industriais que fornecem o capital monetário indispensável à fundação de uma empresa, têm o poder de se apropriar do material industrial comprado com o dinheiro que empregaram.

O material de uma empresa, todavia, é propriedade social. Com efeito, no preço aumentado dos produtos ou das remessas, o público consumidor paga aos patrões assim como aos portadores de títulos das sociedades industriais sob a forma de lucros, juro, dividendo de amortização, as somas para os reembolsar no prazo de dez anos em média, do capital inicial que forneceram. Torna-se o público, portanto, proprietário desse material, pois a classe patronal não poderia, sem roubar a colectividade, possuir um tempo o dinheiro que os consumidores lhes restituíram e o material industrial.

Segunda consideração demonstra ainda que essa ferramenta é propriedade social. O capital de dinheiro que a classe patronal fornece para a fundação de uma empresa não lhe pertence, pois que ela o readquire a título de lucros, de renda, de alugueres; esse capital pertence aos trabalhadores; a classe patronal, por conseguinte, não pode ser proprietária da ferramenta comprada com esse dinheiro.

No entanto, embora o material industrial seja um bem social, pelo menos enquanto os operários não podem assumir a direcção das suas novas indústrias, é forçado deixá-lo nas mãos da classe patronal, pois só ela é actualmente capaz de lhe assegurar a conservação e transmissão.

Tal apropriação por via de gestão explica o facto da maioria patronal poder encontrar-se de posse da enorme ferramenta empregada nos transportes e na grande indústria. Esse material é o produto do labor de muitos milhares de operários, labor continuado durante duas gerações, e pertence hoje na sua quasi totalidade a alguns milhares de indivíduos que durante esse tempo viviam de pai para filho mais ou menos ociosos. A formidável desproporção que existe entre o esforço que foi preciso fazer para criar essa ferramenta e a que poderia fornecer a classe capitalista, demonstra pelo absurdo a legitimidade dessa propriedade.

Conclui o Sr. H. DUFUR

Uma continha calada

Consta que se aproxima de 4.000 contos o prejuízo do Estado com os celeiros municipais.

para a fortificar, armando-nos para a defender?

A verdade é que a minha alma sentia-se, mais ainda ao pé do meu pai que junto do meu professor. Por isso, ele fazia tudo para me agradar; encanava-se em estupidamente me ter amor. Mas, quando estava com ele, não achava mais nada para me dizer que certos contos sem graça, tolas histórias de fantasmas, lendas aterroradoras da revolução de 1843, que lhe tinha deixado no espírito um espanto invencível, ou então a história das extorsões de um tal Lebecq, grande republicano, que dava esculhadas na região pela guerra encarnada que fazia ao cura, e pela sua obstinação de no dia de Corpo de Deus não quer ornamentar as suas paredes.

Muitas vezes quando tinha negócios fora, levava-me no carro. Uma ocasião, muito perturbado pelos mistérios da natureza que se alargava, cada dia, em volta de mim, dirigi-lhe uma pergunta: ele não sabia como responder e saiu-se com esta: «Fui eu muito pequeno para que te possa explicar isto! Quando tu fores maior, e eu, todo acanhado, ao lado do corpanzil de meu pai, que oscilava a cada barranco do caminho, encolhia-me no fundo do carro, enquanto ele matava, com o cabo do chicote, os moscardos que poissavam na parupá da água. E dizia de cada vez: «Nunca vi tantos destes ruins bicharocos; vamos ter mau tempo, pela certa».

Na igreja de Saint-Michel, ao fundo de uma pequena capela, iluminada pe-

TEATRO SÃO LUIZ
A grandiosa e engraçada revista
O PÉ DE MEIA
Quando o "Venus" entra em scena,
Quando ao "gato" a "gata" accena
É um delirio na plateia!
Ven gente da Outra-banda
Para ver a Berta Miranda
Na revista o PE' DE MEIA!

A BATALHA

no Porto

A União dos Sindicatos Operários e os presos à ordem dos governantes — A greve dos vidreiros da Amora — Traidores espanhóis — Uma moção.

PORTO, 3 — C. — Sob a presidência do delegado dos jardineiros, reuniu-se ontem a União dos Sindicatos Operários. Expediente: officios da Assoc. de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telegrafos (Delagacias), convidando a U. S. O. a fazer-se representar na sessão solenne comemorativa do 2.º aniversário da sua greve, em 1.º de setembro passado — sendo delegado Armando Cardoso, secretário geral; do Sindicato Profissional das Indústrias Texteis de Vila Nova de Gaia, da União dos Jardineiros do Porto, da Associação dos Operários Curtidores e Artes Correlativas e da Associação dos Cartoneiros, respectivamente solicitando a presença de um delegado da U. S. O. na sessão solenne que se effectua no dia 7 do corrente, por ocasião da inauguração daquela colectividade, idem, para tomar parte na comemoração da inauguração do retrato do falecido propagandista operário daquela colectividade, Francisco da Rocha, sessão de homenagem que se realiza também no dia 7 proximo; idem, para assistir a uma reunião magna de classe, a effectuar-se amanhã, pelas 9 horas da noite, onde se ventilarão assuntos de organização e de interesse corporativo — sendo para este effecto homologados os delegados fabricantes de calçado, dos encadernadores e dos tipógrafos; e dos officios ultimos, comunicavam: 1.º, que a sua classe tinha conseguido um aumento de 20 % sobre os salários existentes, continuando a Direcção e a comissão de melhoramentos com os seus trabalhos até alcançar a satisfação integral das suas reclamações formuladas; o 2.º, que o 20 de junho do corrente ano foi resolvido organizar-se o sindicato, acabando de nomear o seu corpo de administração, que ficou assim constituído: secr. geral, Orlando Albuquerque; secr. interno, António Queiroz; secretário adjunto, Américo Pinto; tesoureiro, Francisco Gomes da Costa; vogais: Manuel António Ferreira da Silva, Florindo de Carvalho e José Joaquim da Silva; Comissão fiscal: Tércio Miranda, Lúcio Teixeira e Carlos Marques da Silva; delegado da U. S. O., Manuel Pinto Teixeira e Cezar de Azevedo. Todos estes cargos, segundo o officio, são revogativos em qualquer momento. A seguir foi lida uma circular da Associação de Classe dos Operários Vidreiros na Amora, participando que a Companhia das fabricas de garrafas, pretendendo esmagar o seu movimento que dura há nove meses, importará trinta e três espanhóis para, por este meio, fazer render a classe que representa, enviando-os para esta cidade onde estão constituindo uma nova fabrica. Anastácio Ramos e o tesoureiro da União Operária Nacional, que, por um acaso se encontrava presente, prestam importantes esclarecimentos à assembleia sobre a tal fabrica e os ditos espanhóis. De facto, aquela existe para as bandas da Curjeira, para onde nossos hermanos foram contratados, uns há ano e meio e outros há pouco de três anos, muito antes da greve dos vidreiros da Amora. Das averiguações feitas, tirou-se a conclusão lógica de que a Companhia das garrafas há muito premeditava uma partida aos seus empregados. E como não seria fácil conseguir em Portugal um vidreiro capaz de traír, em occasião determinada, os seus infelizes colegas, foi a Companhia antecipadamente contratando aquela gente, levando-a a assinar um documento.

A U. O. N. já interveio e procurou chamar a razão, por meios suaves e convenientes, os estrangeiros, entre os quais parece que se encontram alguns francezes, mais nada se conseguiu, por que o representante da Companhia, bem como esta, ensinou-os a argumentar de que não vieram traír ninguém, mas sim trabalhar para uma fabrica montada de novo, onde ainda ninguém lá trabalhara, etc., e tal, agarrando-se também ao compromisso firmado na presença de um advogado. Na U. O. N. existe um officio da Federação operária dos operários empregados na industria de vidros e cristais, em que se afirma que os espanhóis bem sabem do que se trata, motivo porque os considera espiões. Então, os nossos hermanos são criaturas que gostam de viajar, de vagabundar por esses mundos de Cristo fido.

los clarões vermelhos de um vitral, sobre um altar adornado de bordados e de vasos cheios de flores de papel, erguia-se uma imagem da Virgem. Tinha as carnes rosadas, um manto azul constelado de prata e um vestido lilaz, cujas pregas caíam castamente sobre as sandalias douradas. Nos braços, segurava uma criança rosada e nua, com a cabeça coroada de ouro; os seus olhos poissavam, extasiados, sobre essa criança. Durante muitos meses, esta Virgem de gesso foi a minha única amiga, e todo o tempo que podia tirar às minhas lições, nassava-o em contemplação diante daquela imagem, de coloração suave. Parecia-me tão bela, e tão boa, e tão meiga, que nenhuma criatura humana podia rivalizar em beleza, em bondade e em doçura com aquele pedaço de materia inerte e pintada, que me falava uma linguagem desconhecida e deliciosa, e de onde me vinha como um odor inebriante de insenso e de mirra. Junto dela, eu era verdadeiramente outra criança; sentia as faces mais rosadas, o sangue batia-me com mais força nas veias, os meus pensamentos desenvolviam-se mais vivos e ligeiros; parecia-me que o meu negro, que pesava sobre a minha intelligência, se levantava pouco a pouco, descobrindo novas claridades.

Maria era cumplice das minhas fugidas para a igreja; conduzia-me frequentemente à capela, onde eu ficava horas a conversar com a Virgem, enquanto a velha criada, de joelhos sobre os degraus do altar, rezava devotamente o

seu rosário. Era preciso que ela me arriancasse à força desse extásio, porque eu não pensaria, creio bem, em voltar para casa, tão enleivado estava em pensamentos que me transportavam ao céu.

A minha paixão por esta Virgem tornou-se tão forte que, longe dela, sentia-me desgracado e teria querido não a deixar jamais. «Estou bem certo de que o menino Jean há de ser padre», dizia a velha Marie. Era como que uma necessidade de posse, um desejo violento de apertar, de a enlaçar, de a cobrir de beijos. Tive vontade de a desenhá-la e é impossível avaliar com que amor eu a fazia. Quando sobre o meu papel ela apareceu com um semblante de grossas formas, tive uma alegria sem limites. Tudo que eu podia dispendear em esforços, empregava-o neste trabalho, que eu julgava admirável e sobre-humano.

Recomecei o desenho, mais de vinte vezes, irritando-me contra o lapis que não se amoldava à doçura das linhas, contra o papel onde a imagem não apparecia vivendo e falando, como eu desejava. Eu irritava-me. A minha vontade dirigia-se ao fito unico. Por fim consegui dar uma idea, aproximadamente exacta e muito ingénua, da Virgem de gesso. E, bruscamente, não pensei mais em tal. Havia-me dito uma voz interior que a natureza era mais bella, mais enternecedora, mais esplendorosa, e puz-me a olhar o sol que beijava as árvores, que brincava sobre as telhas das casas, doirava as ervas, iluminava os rios.

Em vista dos infructuosos esforços empregados pela U. O. N., a U. S. O. vai officiar à Associação de Classe dos Operários Vidreiros na Amora, informando-a de tudo.

Debido este assunto, foi mais uma vez tratada a questão das perseguições governamentais, em consequência das quais ainda se encontram encerrados alguns propagandistas operários sobre o celebre labor de *bokevistas*, apesar de se ter apurado que nada de compromettido existe com elles... mas que necessário se torna estarem nas prisões para a annunciada anistia misericordiosa do cabimento... justificativa. Após longa discussão, foi aprovada a seguinte moção de protesto:

Considerando que o governo ainda não mudou de caminho no tocante às perseguições a todas as que estão levando a effecto contra os operários, o unico delicto commettido por o de acabar com o regime de traliteiros agora de novo reimplantado; considerando que uma tal attitude leva ao insulto de que o governo pretende, para os seus cultos, divorciar completamente o cidadão da República; a sessão federal da U. S. O., reunida em 2 de Setembro de 1917, e considerando que, em consequência do interdição da imprensa, contra um tal procedimento draconiano, que apenas revela uma escandalosa protecção a todos que se predjudicam a República em beneficio daquelles que a tem defendido nas horas amargas em que os governantes de hoje descançavam comodamente em suas casas ou fogões, transidos de pavor, dos lugares em que o deus os mandava ficar — como em outubro de 1910.

Aprovado este documento, trocou-se impressões sobre a realização do proximo comicio, assim como da reunião preparatoria a effectuar-se por estes dias.

Os operários botoceiros protestam contra as perseguições das autoridades governamentais

A Associação de Classe dos Operários Botoceiros reuniu, em assembleia geral, para a nomeação da nova comissão administrativa, assistindo um representante da U. S. O., que fez um pouco de propaganda associativa, incitando a classe dos botoceiros, até então desorganizados, a unirem-se para a conquista dos seus direitos económicos e sociais. Nesta assembleia foi apresentada a seguinte moção:

Considerando que as classes trabalhadoras assistem o imperioso dever de repeller, tanto quanto possível, as afrontas dirigidas contra os seus direitos, e considerando que a classe dos botoceiros, sendo vítima das perseguições autoritárias, são os menos capazes de defender os seus direitos, e considerando que a classe dos botoceiros, sendo a mais numerosa das classes produtoras; a Associação de Classe dos Fabricantes de Botões, reunida em assembleia geral, resolve: 1.º Lutar o seu mais valioso protesto contra as prisões arbitrariamente realizadas; 2.º Louvar o operário operário *A Batalha* pela sua enérgica attitude em pro dos direitos dos operários; 3.º Tornar conhecida estas resoluções pelos jornais defensores do proletariado escravizado.

O pessoal menor telegrafo-postal celebra o aniversário da sua primeira greve

Comemorando a passagem do segundo aniversário da sua greve, o pessoal menor dos correios e telegrafos realizou, na segunda feira passada, na sede do Grupo Dramático de Beneficência aos Tuberculosos da Freguesia da Sé, que estava visivelmente engalanada, uma luzida sessão solene, em cuja assistência numerosa se destacou a doçura feminina. Foi dada a presidência ao Sr. José Gaspar, de Lisboa, que, por coincidência de serviço, se encontrava nesta invicta cidade, sendo secretariado pelo Sr. Alves Pereira, aspirante daí, e Joaquim do Amaral, divisor.

Aberta a sessão, depois duma magnifica orquestra executar o seu primeiro numero do repertório que exhibiu, foram lidos varios telegramas de Felgueiras, Penafiel e Barcelos, bem como uma saudação do pessoal telegrafo-postal de Braga e um officio da U. S. O., que se fez representar por Armando Cardoso. Além de varios membros da classe, entre elles Luis Teixeira Jacinto, falam: Costa Carvalho, que se referiu à importante função que desempenha a classe telegrafo-postal na sociedade presente, função que mais valiosa será na sociedade futura, para a qual também se deve organizar, pensando mais a sério no progresso operário, do qual se afastou um tanto após a vitória alcançada em 1.º de Setembro de 1917, que ficou, no entanto, incompleta, visto que para a conquista das aspirações proletárias, de que faz parte integrante a classe telegrafo-postal, ainda há muito a fazer. Norberto Teixeira de Carvalho, em nome da U. O. N. (2.ª secção), salientou as vantagens da organização o

puz-me a escutar todas as palpitações de vida de que os seres estão insuflados e que fazem pulsar a terra como se ela fosse um corpo de carne.

Os anos decorreram fastidiosos e indolentes. Conservava-me sombrio, selvagem, sempre fechado a dentro de mim mesmo, gostando de correr pelos campos, de me embrenhar em pleno coração da floresta. Parecia-me que ali, assim, embalado pela grande voz das coisas, sentia menos só e me sentia viver mais. Sem ser dotado desse dom terrível que certas criaturas têm de analisar, de se interrogar, de procurar incessantemente o porque das suas acções, perguntava muitas vezes a mim mesmo o que era o que desajava. Ail eu não era ninguém e nada desajava.

A minha infancia tinha decorrido em plena noite, a minha adolescência decorria indolente, não fendo sido uma criança, também não fui nunca um rapaz. Vivi até certo ponto em meio de névoas. Mil pensamentos se agitavam em mim, mas tão confusos, que eu não podia apreender-lhes a forma: nenhum se destacava nitidamente desse fundo de bruma opaca. Tinha entusiasmados e aspirações, mas era-me impossível formulá-las, explicá-las a causa e objectivo; era-me impossível dizer para que o mundo de realidade ou de sonho elles me levavam; tinha ternuras infinitas em que o meu ser se embestia, mas por quem e porque? Ignorava-o.

Algumas vezes, de subito, punha-me a chorar copiosamente; mas qual a razão dessas lágrimas? Em verdade, eu

operária e o papel preponderante que a Central dos Sindicatos tomou a quando da greve do pessoal dos correios e telegrafos; depois aludiu à forma como se consti-ma comemorar datas gloriosas do movimento operário, persistindo o hábito dos divertimentos estereis, das recitações morais, etc., em vez de se aproveitar o tempo na propaganda e na necessária. Referiu-se também aos actos anti-sociais praticados por todas as classes operárias, não fingindo a essa responsabilidade colectiva a classe telegrafo-postal; e a propósito lembra a censura que se tem feito adentro das repartições telegráficas, quando se embolsa o dinheiro, as escamoteações feitas nos correios, retardando e até extraviando os jornais operários, coisa que não socedera se houvesse mais um pouco de educação social nas classes operárias. Termina, portanto, por incitar os empregados dos correios e telegrafos a que se unam e se ediguem para caminhar ao lado das outras classes produtoras. Recitaram-se varios monólogos e canções, entre as quais *O Magalo* e *O Menino do Cão*. A fechar a sessão solene, que foi aturda com alguns morteiros, foi representada a opereta em 1 acto, *Bocédio na Rua*.

Um passeio de confraternização — Os metalúrgicos — Um convite do Grupo Propaganda — A Batalha — Desastres e descarrilamentos — Outras noticias

Promovido pela Associação dos Operários de Prata, effectou-se no domingo um passeio de confraternização à Póvoa de Varzim. O comboio excursionista, que lá completamente repleto de famílias, estava ornamentado de palmeiras e bandeiras multicores. Durante o trajeto, um grupo composto de elementos femininos vendeu flores naturais, com bastante éxito, cujo produto reverte a favor duma nova bandeira para a Associação dos Operários de Prata. Na Póvoa foram os excursionistas recebidos fraternalmente pelos sindicatos locais, havendo uma sessão de boas vindas.

Segundo informações, o lock-out dos industriais metalúrgicos parece declinar, havendo quem ande a chamar o pessoal, oferecendo já o regime das oito horas e pagando hora e meia de serviço extraordinário por uma hora.

A propósito do descarrilamento succedido em Ermeizeira, há varias opiniões. Há quem atribua as responsabilidades ao agulheiro, afirmando que ele deixou a agulha entre-aberta. Porém, garante-se também que para o desastre contribuiu imenso o defeito do material, como, por exemplo, a podridão das travessas de madeira. É certo que é costume veloz saucir-se a água do capote, e daí pagar sempre o pequeno.

Hoje deu-se um desastre, causando algumas vítimas, numas obras pertencentes a uma fabrica sita para os lados da rua do Pinto Bessa, em Campanhã, desabando um muro e uma armação que não estava bem segura. Motivo, como sempre nestes casos, o pouco cuidado de quem superintende na direcção das obras e da pouca fiscalização dos proprios operários.

A nova direcção da Associação de Classe dos Funileiros, ficou assim constituída: Presidente, Manuel Cordeiro; vice-presidente, Carlos Ramos; 1.º secretário, Anastácio Ramos; 2.º secretário, António Teixeira; vogais: Francisco Gonçalves e Elísio Leão. Assembleia geral: presidente, Raúl da Silva; 1.º secretário, José Martins; 2.º secretário, Henrique Gomes. Conselho fiscal: presidente, Edgard Lopes; secretário, Alvaro Ferreira; relator, José Durães.

O secretário do Grupo Propaganda Pró-Batalha, Felisberto Baptista, convidou todos os membros a assistir a uma reunião que se deve effectuar na terça-feira, na sede da U. O. N., ao largo do Bomjardim, pelas 9 horas, para se tratar de assuntos importantes e urgentes.

Hoje, completou 35 primaveras, o nosso amigo e director do valente quintzenário anarquista, Alves Pereira. Felicitamo-lo sinceramente.

MÚSICA

Banda da Guarda Republicana

De futuro, a partir de amanhã, a banda da guarda republicana executará concertos musicais nos primeiros e terceiros domingos de cada mês, sendo no primeiro domingo no coreto da Avenida da Liberdade e no terceiro domingo no Jardim da Estrela. No corrente mês esses concertos terão lugar das 17 a 19 horas. Além desses concertos, a banda da guarda republicana prossegue na destruição da praça do Rossio.

(na) José Queiroz, D. José Pessanha, Natos Sequeira, Nogueira de Brito, Alberto de Sousa.

não sabia. O que era certo, é que não tinha gosto em coisa alguma, que não dividia nenhum fim na minha vida, que me sentia incapaz de qualquer esforço. As crianças dizem: «Eu sei geral, físico, médico, estalajadeiro». Eu nunca disse coisa alguma semelhante: nunca ultrapassei o instante presente; nunca aventurei um olhar sobre o futuro.

O homem parecia-me igual a uma árvore que estende as suas folhas e ergue os seus ramos em um céu de tempestade, sem saber que flores há de florir junto de si, que aves há de cantar nos seus braços, ou que raio a há de lançar por terra. E por isso me alterizava e acabruvava o sentimento da solidão moral em que eu vivia.

Não podia abrir o meu coração nem a meu pai, nem ao meu percepter, nem a ninguém; não tinha um companheiro, um ser vivente em estado de me compreender, de me dirigir, de me estimar. Meu pai o meu percepter estavam descolados da minha «falta de apitões» e, na povoação, eu passava por inamado e por fraco de espirito. Apesar de tudo, fiz os meus exames, e ainda que nem meu pai nem eu tivéssemos pensado na carreira que poderia abraçar, fui para Paris formar-me em direito. «O direito serve para tudo», dizia meu pai.

Paris assombrou-me. Fez-me o effecto de um grande ruído e duma grandelocura. As multidões e os individuos passavam, extranhos, incoerentes, dissolutos, dirigindo-se para o campo, que se me afigurava serem terríveis e monstruosas.

JUVENUTUGOS SINDICALISTAS

Juventude de Beja. — Em assembleia geral, reunida no domingo, em Queluz, o camarada José Guilherme Cambado. Usou da palavra o camarada Artur Modesto que sublinhou a aprovação da assembleia uma proposta para que a Juventude se filiasse na União das Juventudes Sindicativas de Portugal, sendo aprovada. A seguir usou da palavra o camarada José Alves Correa, que fez a apologia dos ideais emancipadores. Em seguida foi lida uma moção cujas conclusões são: protestar contra as perseguições governamentais a todos os trabalhadores, e nomeada na sessão magna do proletariado, para protestar contra a carestia da vida. Deliberou ainda prestar o seu apoio moral e material à comissão que foi nomeada na sessão magna do proletariado, para protestar contra a carestia da vida.

Usaram depois da palavra os camaradas Manuel Ramos, Manuel António Rodrigues e Santos Ferro que fizeram largos esclarecimentos sobre o caminho a seguir. Foi encerrada a sessão com o canto do hino *A Batalha* e a Internacional.

Juventude Sindicalista do 3.º Bairro. — Reúne hoje a comissão administrativa juntamente com a comissão de propaganda.

Liberto, Central. Convidam-se os camaradas das novas comissões administrativas de propaganda e conselho fiscal, a reunir hoje pelas 21 horas.

As sopas dos... pobres

Por mais de uma vez tem vindo a esta redacção diversas pessoas que, por sua desgraça, se veem obrigadas a recorrer à charidade das caridades (5 de Dezembro), quando se dá das misérias que lhes atribuem.

Agora queixam-se-nos que a sopa distribuída no hospital, para os doentes da Gama (a Belém) é uma coisa insignificante de consumo, pois mais parece levadura para portos do que para gente.

Hoje, como por hábito, há pessoas empregadas da sopa que em lugar de encaminhar o feijão, a batata e outros legumes para o respectivo caldeirão, os deixavam por cima do caldeirão, dando em resultado a chamada sopa ser uma água escura que os desgraçados quando a recebem, muitas vezes a despejam imediatamente na rua por ser intragável.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa Auxiliadora dos Operários da Casa Pires & C.ª — Com esta epigrafe acabou a sessão desta noite, em 1.º de Dezembro, quando se deu a abertura da caixa de auxilio dos operários. A caixa é patrocinada pelos proprietários das oficinas.

Os que roubam fora da lei

Os agentes Figueiredo e Macieira da policia Maritima, prenderam um arauto e o respectivo camarada, por terem furado 70 latas de conserva de peixe e rolado de milho. Os presos foram conduzidos para o governo civil.

Por mais um individuo sem residência, por furar a escada do prédio n.º 123, da rua dos Donadores, pertencente ao Dr. Alfredo Pedro Bizarro, uma mesa no valor de 400 réis.

Queixou-se a policia Joaquim Simões, Alto dos Toucinheiros, 12, de que sua mulher lhe fugiu furando a quantia de 19000 réis.

Alfredo, da rua de Santa Maria, 1, de que lhe furaram objectos no valor de 2500 réis, Joaquim Moraes, travessa dos Inglesinhos, 14, de que lhe furaram uma carteira com 20000 réis, e a mesma Rosa, rua das Trinas, 156, de que lhe furaram objectos no valor de 2400 réis.

O maldito ciume

Por motivo do ciume, João Maria Laranjeira, de 29 anos, residente em Alameda, agrediu com uma facada no pescoço a sua mulher, Maria Antónia Lopes, largo de Santos-O-Novo, 16, 1.º, que foi curar-se no Hospital da Marinha.

O agressor foi preso.

Mau filho

Foi preso José Dias, Quinta da Torre, aos Olivais, por agredir a pedrada os seus pais, ficando um deles ferido na cabeça, sendo pensado na farmacia Chirrua, na rua Alves Gouveia.

A questão do Rossio

Recebemos a seguinte nota, cuja publicação nós é pedida:

A Associação dos Arqueólogos Portuguezes, pela voz da sua secção Arqueologica Lisbonense, consolidadamente impressionada pela forma como o povo de Lisboa se aferra aos seus direitos e defender a sua cidade, envia-lhe o mais caloroso agradecimento, dando-lhe o mesmo tempo, todo o apoio moral às lutas das frequências, consciências da sua valia e do seu papel de representantes legítimos desse povo, tomaram uma fúria no alto de protesto, e pede a todos os lisboetas que não abndonem essa justificada defesa, visto que, não obstante ter-se demittido a comissão de defesa, a associação prossegue na destruição da praça do Rossio.

(na) José Queiroz, D. José Pessanha, Natos Sequeira, Nogueira de Brito, Alberto de Sousa.

não sabia. O que era certo, é que não tinha gosto em coisa alguma, que não dividia nenhum fim na minha vida, que me sentia incapaz de qualquer esforço. As crianças dizem: «Eu sei geral, físico, médico, estalajadeiro». Eu nunca disse coisa alguma semelhante: nunca ultrapassei o instante presente; nunca aventurei um olhar sobre o futuro.

O homem parecia-me igual a uma árvore que estende as suas folhas e ergue os seus ramos em um céu de tempestade, sem saber que flores há de florir junto de si, que aves há de cantar nos seus braços, ou que raio a há de lançar por terra. E por isso me alterizava e acabruvava o sentimento da solidão moral em que eu vivia.

Não podia abrir o meu coração nem a meu pai, nem ao meu percepter, nem a ninguém; não tinha um companheiro, um ser vivente em estado de me compreender, de me dirigir, de me estimar. Meu pai o meu percepter estavam descolados da minha «falta de apitões» e, na povoação, eu passava por inamado e por fraco de espirito. Apesar de tudo, fiz os meus exames, e ainda que nem meu pai nem eu tivéssemos pensado na carreira que poderia abraçar, fui para Paris formar-me em direito. «O direito serve para tudo», dizia meu pai.

Paris assombrou-me. Fez-me o effecto de um grande ruído e duma grandelocura. As multidões e os individuos passavam, extranhos, incoerentes, dissolutos, dirigindo-se para o campo, que se me afigurava serem terríveis e monstruosas.

Sociedades de Recreio

Academia Musical 31 de Janeiro. — Realiza-se no domingo, em Queluz, o camarada José Guilherme Cambado. Usou da palavra o camarada Artur Modesto que sublinhou a aprovação da assembleia uma proposta para que a Juventude se filiasse na União das Juventudes Sindicativas de Portugal, sendo aprovada. A seguir usou da palavra o camarada José Alves Correa, que fez a apologia dos ideais emancipadores. Em seguida foi lida uma moção cujas conclusões são: protestar contra as perseguições governamentais a todos os trabalhadores, e nomeada na sessão magna do proletariado, para protestar contra a carestia da vida. Deliberou ainda prestar o seu apoio moral e material à comissão que foi nomeada na sessão magna do proletariado, para protestar contra a carestia da vida.

Usaram depois da palavra os camaradas Manuel Ramos, Manuel António Rodrigues e Santos Ferro que fizeram largos esclarecimentos sobre o caminho a seguir

